

#### ABERTURA DA 37.ª EDIÇÃO DO FESTIVAL DE ALMADA

# “Não um, mas O festival de teatro em Portugal”



Cerimónia de Abertura do Festival de Almada de 2020, ontem, no Palco Principal do TMJB. O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, a Presidente da Câmara Municipal de Almada, Inês de Medeiros, o artista homenageado desta edição, Rui Mendes, o Secretário de Estado do Cinema, Audiovisual e Media, Nuno Artur Silva e o Director Artístico do Festival de Almada, Rodrigo Francisco



Chegada do Primeiro-ministro ao TMJB para assistir a *Mártir*, na Sala Experimental: o Vice-Presidente da Câmara Municipal de Almada, João Couvaneiro, a actriz e Directora-adjunta do Festival de Almada, Teresa Gafeira, o Primeiro-ministro, António Costa, e a sua mulher, Fernanda Tadeu

**N**a Abertura do Festival, ontem à noite, imediatamente antes da estreia da peça *Bruscamente no Verão passado* – obra-prima de Tennessee Williams, pelo TEC, encenada por Carlos Avilez –, o director artístico do Festival, Rodrigo Francisco, proferiu algumas palavras de boas-vindas, dirigindo-se ao público em geral e saudando muito especialmente a fidelidade de todos aqueles que não puderam estar presentes por pertencerem a grupos de risco: a parte dos espectadores habituais do Festival que, questionados em Abril passado, durante a vigência do Estado de Emergência, afirmaram que comprariam a Assinatura para o Festival, apesar de saberem já então que não estariam presentes, enviando porém alguém no seu lugar.

Referindo-se ao Festival de Almada como um gesto resistente de civilização, que se ins-

creve “na tradição dos grandes festivais europeus que surgiram no pós-guerra” e se assumiram como “pontos de encontro e de diálogo entre as nações e as culturas”, Rodrigo Francisco lembrou que Almada é, este ano uma vez mais, e talvez mais do que nunca, um lugar onde “os discursos nacionalistas podem ser desmontados” e expostos em toda a sua aviltante retrogradação. O director artístico do Festival saudou também “os governantes que tiveram o discernimento humanista de assumir a reabertura dos espaços de cultura como uma prioridade” em tempo de pandemia. “Este ano, contam-se pelos dedos de uma mão as cidades europeias em que há festivais de teatro”, lembrou Rodrigo Francisco.

O representante do Governo, o Secretário de Estado do Cinema, Audiovisual e Media, Nuno Artur Silva, realçou “a coragem

para realizar este Festival neste contexto”, e a Presidente da Câmara Municipal de Almada, Inês de Medeiros, afirmou a que ponto esta edição do Festival, que será sem dúvida “particularmente especial, emotiva e intensa” a faz “muito feliz e extremamente orgulhosa”, ciente todavia de que “a sala mais que composta, como se diz no teatro”, estava ontem à noite longe de espelhar os tempos pré-pandemia, quando o público presente no gesto inaugural era tanto que não cabia – na Sala Principal do TMJB ou no Palco Grande ao ar livre.

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, rematou com palavras entusiastas e optimistas: “Finalmente. Finalmente. Foram meses à espera deste momento. Esperámos, alguns desesperaram, mas outros porfiaram, e aqui estamos, graças a esta grande instituição que é inseparável de Almada:

um exemplo das pontes que é preciso lançar”. Referindo o medo que subjaz “à construção de novos muros contra os quais é preciso lutar”, por serem “um retrocesso para a democracia e para a liberdade”, o Presidente da República declarou que pertencer a um grupo de risco, como ele próprio, não deve impedir as pessoas de ir ao teatro, pois “o risco diminui com a cultura”. E terminou saudando este que considera ser não “um festival mas O Festival de teatro em Portugal”.

A sessão encerrou com a entrega da Ordem de Mérito a Rui Mendes, este ano homenageado pelo Festival de Almada.

O primeiro-ministro, António Costa, marcou presença na Sala Experimental do TMJB para assistir a *Mártir*, de Marius von Mayenburg, encenada por Rodrigo Francisco. S.A.

# As fake news do Estado Novo



© Luana Santos

Criado para um ciclo chamado *A casa portuguesa*, este espectáculo pel'O Teatrão, na que constitui uma estreia desta companhia de Coimbra no Festival de Almada, faz parte de um conjunto de criações através das quais se procurou “investigar a nossa História recente para perceber o que nos está a acontecer hoje. De que forma a propaganda veiculada pelos *media* foi capaz de moldar culturalmente o País? Partimos de uma investigação à actividade da Emissora Nacional [EN], e dedicámo-nos particularmente ao momento de transição de poder dentro da Emissora, com a entrada de António Ferro. E acabamos com o assalto ao Santa Maria [nome do famoso paquete da Companhia Colonial de Navegação sequestrado em 1961 numa operação comandada por Henrique Galvão].”

Replicando um programa de rádio ao vivo, “como eram muitos programas da EN, falamos porém de um programa que foi emitido ao longo de 21 anos, através de cuja recriação abordamos as relações entre as pessoas, mostrando a forma como o entusiasmo inicial se transformou noutra coisa na época em que o programa acaba, e também a censura, a escola que existia dentro da Emissora para os actores e para os cantores, o teatro radiofónico, a Grande Exposição do Mundo Português, os noticiários (todas as notícias que lemos são verdadeiras), etc.” Antecedido por um aturado e apurado trabalho de pesquisa documental, o processo permitiu a Isabel Craveiro e à sua equipa trabalhar a linguagem do antigo Regime, “e mais particularmente a do en-

tretenimento e da propaganda, e a forma como esta criou um país que não era real. O poder que a comunicação radiofónica teve neste imaginário pareceu-nos interessante, pela reflexão que permite em torno do poder dos *media*, num tempo de *fake news*, de manipulação da informação e de criação de discursos que alimentam ideias que não correspondem à realidade”. Do ponto de vista do trabalho teatral propriamente dito, a criação do espectáculo foi “muito prazerosa, com uma estética muito estimulante, em que os actores cantam e têm uma proximidade muito grande com o público, tal como também acontecia nas emissões da EN.” O espectáculo mostra ainda a maneira como temos tendência para nos relacionarmos de modo sentimental com o passado, consciente ou in-

conscientemente branqueando as partes menos boas. A *grande emissão do Mundo português* está em cena até domingo, dia 5, no Salão de Festas da Incrível Almadense, um espaço histórico de Almada Velha que evoca, sem necessidade de artifícios, uma época negra da História recente de Portugal – bastará lembrar que foi inaugurado em 1958, o ano em que Humberto Delgado enfrentou o Regime, sendo sumariamente derrotado pelas forças da então chamada ‘Situação’ – que viria a assassiná-lo em 1965. **S.A.**

## AGENDA DE AMANHÃ

### TEATRO

15:00 e 19:00

#### A grande emissão do mundo português

Incrível Almadense

16:00

#### Bruscamente no Verão passado

Sala Principal do TMJB

16:00

#### By Heart

Academia Almadense

18:00 e 22:00

#### Turma de 95

Teatro-Estúdio António Assunção

19:00

#### Mártir

Sala Experimental do TMJB

21:30

#### O Mundo é redondo

Fórum Romeu Correia

## RESTAURANTE NO TEATRO

HOJE

- Pescada com maionese no forno
- Frango com amendoim

AMANHÃ

- Filetes com manga grelhada e arroz de ervilhas
- Folhado de alheira com grelos salteados

### FICHA TÉCNICA

**Direcção** Teresa Gafeira e Rodrigo Francisco | **Textos** Sarah Adamopoulos (edição) e Ana Sofia Pancada (estágio em comunicação editorial da cultura) | **Fotografia** Luana Santos e Rui Carlos Mateus | **Paginação** Joana Azevedo e Rosa Castelo

**Apoio à produção editorial** Ana Patrícia Santos | 2020 © Edições de Comunicação do Festival de Almada

